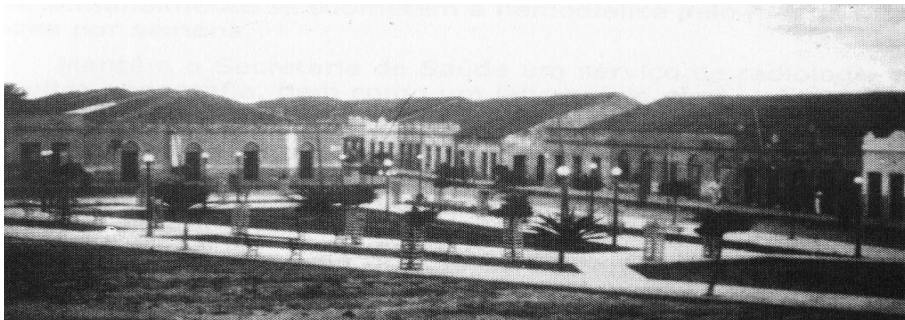


5. NA RUA (CIDADE DE MORADA NOVA). MARIA E SUA FAMÍLIA

Cidade centenária, **Morada Nova**, mesmo com todas as suas carências, foi marcante na estrutura da memória de quem, como eu, àquele tempo, se embevecia com a urbe.



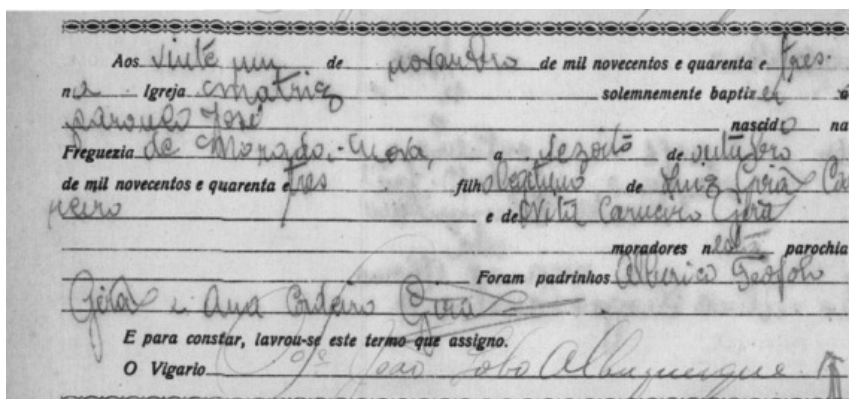
Praça principal de **Morada Nova** (4)

Não me dei à minúcia de saber o seu número de habitantes, naquele tempo de boas recordações, em que quase todos os moradores da cidade se conheciam pelo nome. No período em que lá morei, os Prefeitos Municipais foram, na ordem cronológica e na das fotos(4): **Fancisco Galvão de Oliveira**, (1951 -1954, **foto**, à E.) e **João Perboyre Teófilo Girão** (1955-1958, **foto**, do meio).



Doutor **Wilson de Norões Milfont**, Juiz de Direito, lá permaneceu por muitos anos. Não me recordo do nome dos Promotores de Justiça, que por lá passaram naquele período, nem de quem respondia pela segurança (Delegado de Policia). Doutor Viana era o advogado.

Os serviços religiosos eram da alçada do **Padre Assis Monteiro** (foto anterior, à D)⁽⁴⁾, cujos sermões, na Igreja do Espírito Santo, eu ouvia com atenção. Aquele vigário, simpático e carismático, era sucinto, talvez mais do que devesse, nas suas cerimônias religiosas, a ponto de se lhe acusarem de *encoivarar* as leituras do missal (então, ainda, em Latim), ou seja, pulando alguns trechos. O meu batismo foi presidido por **Padre João Lobo Albuquerque** ⁽⁴⁾, antecessor de Pe. Assis, no dia 21.11.1943, conforme cópia do respectivo batistério, a seguir, sendo-me padrinhos **Alberico Teófilo Girão**, primo de papai e **Ana Cordeiro Girão**, esposa de Alberico.



O **Dr. José Epifânio Filho** (foto à E., pág. anterior) ⁽⁴⁾ era um bom clínico e tinha fama de ótimo diagnosticista. Ele delegava a prática de pequenas cirurgias, suturas e aplicação de injeções ao seu Farmacêutico, **Diomedes Brilhante** (foto ao centro, pág. anterior)⁽⁴⁾, pois não operava e inexistia, então, na cidade, cirurgiões ou hospitais. **Dr. Raymundo Aluisio Chagas**, (foto à D., pág. anterior)⁽⁴⁾, que, anteriormente fora prefeito, também, clinicava na cidade, mas, posteriormente se dedicaria apenas à Otorrinolaringologia, após se transferir para Fortaleza.



Na Dentística, pontificava **Dr. Nogueira de Pontes** que também já havia sido Prefeito e Vereador da cidade. Na foto, relativamente recente, ele, já em idade avançada, aparece ao lado do seu filho, o médico cardiologista, **Dr. Nogueira Filho** ⁽¹³⁾.

(Posteriormente, instalaria o seu consultório odontológico em Morada Nova o **Dr. José Praxedes**).

No início de 1954, eis-me deixando a Fazenda Nova Morada com destino à cidade de Morada Nova. Parti, já saudoso do maravilhoso aconchego dos pais, mas fui recebido com afeto, por parte da família de **Maria**, minha irmã e seu esposo - **Fausto** (Fausto Pessoa de Andrade). A casa deles fica no número 28 da Rua Sousa Girão. O **bairro - Girilândia** – era o primeiro de quem vem de cima (oeste), região onde se localizava a maioria dos Girões. No início dos cinquenta, Fausto e Maria haviam se mudado para a rua, pela facilidade de educação dos filhos, além de ter ele resolvido assumir o comando de uma mercearia, que instalou no centro da cidade (*Beco do Macaco*, então o point mais comercial de Morada Nova). Os três primeiros filhos do casal (**Salete, Selva e Stênio**) já tinham nascido, quando a família ainda morava na zona rural, em casa construída na fazenda do patriarca Quincas Gomes, pai de Fausto. Na cidade, então, nasceram os dois últimos.

Salete, professora normalista, viria, no futuro, a desposar **Helder Girão**, seu primo em segundo grau, residente em Fortaleza, com

filhos (**Aida, Rommel, Weber e Elise**). **Selva**, também professora e funcionária pública, optaria por ficar em M. Nova, onde tem grande participação na vida cultural, religiosa e social. **Stênio**, comerciante, cultivaria o hábito de ter cavalos de corrida, sendo casado com Aldenice Bento, e tendo, como herdeiros, Wagner e Gabriele. **Sivaldo**, solteiro, seria historiógrafo, pedagogo e Diretor do Museu do Vaqueiro, sendo figura de grande relevância para a vida cultural, social e religiosa da cidade. **Sinaldo** dedicar-se-ia à pecuária, assumindo o criatório de gado e a anutenção das propriedades rurais da sua família; casado com **Maria das Graças Nobre**, tem três filhas (Bruna, Victa e Paula).

Maria, quando na casa dela passei a morar e, portanto, ela já com filhos, continuava a ter, para comigo, o mesmo carinho e desvelo que ela tinha anteriormente. Quanto ao **Fausto**, a sua circunspeção era apenas uma *capa*, pois se tratava de uma pessoa intimamente atenciosa, de poucas palavras e sempre ouvindo muito mais do que falando, o que lhe foi um traço peculiar por toda a vida. Era comedido, por demais.

Fausto era eleitor da UDN (àquela época comandada, em Morada Nova, pelo seu tio **Biléu - Manoel de Castro Andrade**, irmão do seu pai Joaquim Bezerra de Andrade, o Quincas Gomes e pelo seu primo **Manoel de Castro Filho**, filho de Biléu - Deputado Estadual, por legislaturas a fio). Manoel Castro (o filho) obtinha, também, muitos votos no vizinho Limoeiro do Norte, terra natal da sua esposa.

Fausto não fazia proselitismo partidário. Com efeito, não aparentou qualquer satisfação ferina quando eu lhe noticieei, numa hora de almoço, naquele agosto 1954, o suicídio do Presidente Getúlio Vargas, petebista, então coligado com o PSD e, assim, antagônico, na provinciana Morada Nova dos Castro e Andrade, da UDN. Creio que ele deixava de polemizar, sobre política, com os adeptos do PSD, não somente pelo seu modo cavalheiresco de se portar, mas, muito provavelmente, pela consideração que dedicava à sua Maria e a nós, familiares dela.

Na bodega do Fausto, papai fazia a sua feira, aos domingos, comprando, na caderneta (fiado), os alimentos e outros insumos essenciais, para a semana. O pagamento da conta era feito com o apurado da venda dos produtos da fazenda, especialmente queijo e alguns produtos agrícolas (em especial feijão ou algodão), que sobrassem do consumo doméstico. Uma outra fonte de renda, que poderia ser mais significativo, viria da venda da cera de carnaúba (uma vez por ano) ou

de algum animal (bovino, caprino ou ovino). Consta que papai, para comemorar o encontro com Fausto, com o qual se entendia bem, tomava uma ou duas *bicadas* de cana, na mercearia. (Maior ingestão etílica desencadearia, com muita possibilidade, uma crise de enxaqueca, a qual podia levá-lo a se prostrar, por muitas horas). Outro fator contributivo para a crise migranosa era ele permanecer, por muito tempo, sem se alimentar, especialmente se exposto ao sol e calor severos, naquelas ocasiões. Depois do abastecimento das mercadorias, no domingo à tarde, papai retornava para casa, conduzindo o que havia adquirido, para o consumo dos próximos sete dias. A carne de gado, porém, só dava para três dias, no máximo, pois, não tendo como mantê-la fresca, pela falta de refrigeração. Mesmo a parte que fosse salgada não daria para o consumo durante todos os dias da semana.

Retornando à minha fase de estudante cidadão, fui matriculado no **Grupo Escolar Egídia Cavalcante Chagas**, no início de 1954, para cursar o quarto ano primário, quando estudei com as Professoras **Margarida Rabelo** e depois **Antonieta Rabelo**.



Antonieta Rabelo (14)



Ma. de Lourdes Terceiro Chagas (4)

No início do segundo semestre, daquele ano, porém, adveio-me uma coqueluche severa e de demorada remissão, levando a me afastar dos estudos e, assim, perder o ano letivo. Reiniciei no Grupo, em 1955, ainda para o quarto ano primário. Naquela valorosa casa de ensino público, única existente, então, em Morada Nova, pude usufruir da competência pedagógica da estimada Professora **Maria de Lourdes Terceiro Chagas** a qual, posteriormente, desposaria o viúvo Duque Rabelo.

Foi com grande aperto n'alma que viria eu, como médico, nos anos setenta, a diagnosticar, nela, uma atroz enfermidade que lhe ceifou a vida ainda relativamente jovem.

Luz das seis às dez. Festas religiosas & leilões

A energia elétrica, para iluminação domiciliar e pública, vinha de um gerador de propriedade do **Sr. Luiz Maia**, pai (o filho homônimo **Luiz Walter Rabelo Maia**, mais conhecido também como Luiz Maia foi um notável e alegre cidadão de Morada Nova, onde tinha diversificado comércio e viveu além dos noventa anos de idade). A luz chegava às 18:00 h, indo até as 22:00 h, com exceção das noites de festa (Natal, véspera do Ano Novo e festa do Divino Espírito Santo), quando se prolongava até mais tarde. Em outros horários, geladeiras eram mantidas a gás e algum outro equipamento elétrico necessitava de bateria ou querosene.

O leilão na **Festa do Divino** era muito concorrido, desde que não fosse ano de seca, com algumas prendas valiosas, incluindo, até, bezerro ou outro animal. Lembro-me de que se leiloavam outras prendas, como galinha cheia, refrigerantes e cerveja, bebidas que, mesmo quentes e espumando, eram ingeridas com alegria por quem as arrematasse.

Radiadora do Fernando Chagas.

Naquela época, em Morada Nova, havia somente “ A Voz da Cidade”, serviço de autofalante (radiadora) pertencente a **Fernando Chagas**, meu quase cunhado, pois chegou a ficar noivo com Nilda, minha irmã (**foto**, a seguir)⁽³⁾.



Fernando, possuidor de uma grave e bem colocada voz, fazia também a parte da locução. A *radiadora* ia ao ar durante a noite, até cerca de dez horas, prolongando-se até mais tarde, nas referidas datas festivas, quando, também, funcionava durante o dia. A discoteca, com discos de 78 rotações, era muito boa e atualizada. Eram transmitidas, com melhor alcance auditivo para as pessoas que estivessem na praça, músicas variadas de vários gêneros. Havia muitas músicas românticas da época, predominando as interpretadas por Orlando Silva, Francisco Alves, Carlos Galhardo, Dalva de Oliveira, Angela Maria, Cauby Peixoto e outros. Sucessos teixeira-gonzaguenos, por exemplo, tonitruantes na Avenida (pracinha frontal à igreja), impregnavam os ouvintes com um saudável sentimento sertanejo. Kalu, do Humberto e na inconfundível voz de Dalva, era uma das canções que podia, até mesmo, servir para marcar o passo, no passeio da moçada na praça. O número musical era, às vezes, precedido por mensagem, que podia ser cifrada (de alguém para alguém). Pungentemente, comunicações de falecimento eram repetidas várias vezes, com o fundo musical da tocante Ave Maria (Gounod) e as badaladas fúnebres do sino da Igreja. Desnecessário é acrescentar que aquela *radiadora* era muito útil, não obstante o seu limitado alcance, e muito acrescentava ao ambiente bucólico da cidade que, mesmo ainda sem o progresso atual, não sofria das grandes mazelas da “modernidade”. É possível que tais anúncios fossem gratuitos, porquanto Fernando era uma pessoa muito generosa. Ele, nascido em bom berço e de família honrada, perdeu os pais relativamente cedo, não avançou nos estudos formais, mas, mercê do seu bom caráter e bom discernimento social, galgou cargos públicos, tendo alcançado o de Secretário da Prefeitura do Município. Não amealhou finanças e veio a falecer relativamente jovem, ainda solteiro.

Cinema, com o Sr. Orlando Chagas

As sessões cinematográficas, apenas nos fins de semana, aconteciam no **Prédio Vicentino**, promovidas e coordenadas pelo Seu **Orlando Chagas** que trazia os rolos do filme de Fortaleza no seu jipe Willys, sendo este um dos poucos veículos motorizados, de antanho, na cidade. Após terminar cada rolo e, até que o próximo começasse a rodar, acendiam-se as luzes, comentários eram feitos e os rapazes e rapazotes fumavam o seu cigarro, pois, àquele tempo, ainda não havia proibição para ambientes fechados. As fitas eram em preto e branco,

predominando as de faroeste, cuja exibição era, muitas vezes, precedida de seriados, cujos episódios sempre terminavam em suspense para o público.

Um carnaval simples, mas alegre

- *As águas vão rolar... Garrafa cheia eu não quero ver sobrar ...*

Ano de 1954, centro da cidade de Morada Nova. Nem chegava a ser um bloco carnavalesco, propriamente dito. Não eram *sujos*, nem *mascarados*, mas, muito espontâneos e animados. Eu, vindo dos matos, jamais vira aquilo e também me animei, pela razão de ser ainda um menino e não enturmado com aquela rapaziada. Havia o acompanhamento por alguns músicos, que pertenciam à única banda da cidade (do **Mestre Coutinho**). Catarolavam, com entusiasmo, marchas carnavalescas, das quais só retive na memória aquela (*As águas vão rolar...*) Bem ao gosto do espírito dos *sujos* mominos, lembro do **Chico Belinha**, tocando o seu trombone, ao mesmo em que levava, sobre a cabeça, um penico de ágata, contendo pedaços de linguiça e cerveja, com óbvia simulação de excrementos humanos, os quais ele, de vez em quando, exibia para o público e os consumia. Animava-me ver também, na *pipoca*, os bailes noturnos, para pessoas mais consideradas socialmente, tendo lugar no Salão de Audiências que, frontal à Igreja, no outro lado da praça, também se prestava para sessões do Júri Popular e da Câmara de Vereadores. Para aqueles brincantes, eram emblemáticos um quepe branco ou um boné tipo marinheiro, as mulheres com lantejoulas nas roupas, o uso livre de lança-perfume, bastante confete e serpentina. Pelo espaço pequeno de que se dispunha, lembro-me da animação do Seu Luiz Maia. Na noite da **terça feira gorda**, mamãe e eu íamos nos confessar, para poder comungar no dia seguinte (Quarta Feira de Cinzas). Antes daquela confissão, o padre nos exigia que, saídos da igreja, fôssemos diretamente para casa, a fim de não nos expormos ao risco de pecar no restante da noite e, assim, estarmos aptos a receber a comunhão no dia seguinte. Portanto, naquela noite de *terça feira gorda*, nem brechar o baile se deveria.

Arrebanhando e enfrentando a vaca Floresta

Tratava-se da vaca que Fausto mantinha na cidade, a fim de prover o leite para o consumo doméstico. Durante o dia, ela era solta

e ia para matas na vizinhança da cidade. Poucos dias de chegada do interior do mato, tentei alguma aproximação com aquela zebu, de estatura não muito alta, pelo da cor de telha e chifres avantajados. Não sei se por ser eu pessedista, e a vaca, da UDN, o fato é que a Floresta não me aceitou, ameaçando-me com chifradas, quando eu tentava adentrar-lhe o espaço. Sucede que, no final da tarde, ela não retornava espontaneamente dos seus pastos e, assim, teria que ser campeada e tangida até o seu curral urbano.

Esta tarefa me foi designada, porquanto sendo as minhas aulas no turno da manhã e Fausto só retornando da mercearia à noite, não havia, ainda, outros homens na casa. Localizar a Floresta não era tão difícil, posto que ela conduzia um chocalho cujo timbre se me tornou logo familiar. Ademais, a vaca frequentava, todos os dias, quase os mesmos lugares, de uma mata não tão densa. Mas, como superar o problema da sua *valentia udenista*? Lancei mãos de uma vara com a qual lhe ameacei bater, na larga e presunçosa cara.

O certo é que, desde então, Floresta passou a ser para mim uma dócil colaboradora, naquela minha tarefa de tangê-la.

Alguma digressão sobre Limoeiro do Norte

Morada Nova, mesmo sendo um município jaguaribano dos mais antigos, de grande extensão territorial e importante relevo econômico, não dispunha, naquela época não tão remota, de um estabelecimento que oferecesse ensino médio. Alguns estudantes, concluído o Curso Primário, vieram para Fortaleza, conforme a possibilidade de cada um, ou para outro lugar onde houvesse as etapas seguintes da educação formal. Mais prático, para quem pudesse, era transferir moradia, pelo menos nos meses de aulas, para Limoeiro. Muitos assim, já o tinham adotado, anos anteriores, como as nossas primas **Maria Adília e Francisca – dos tios Adília e Zelino** – que se diplomaram Professoras, naquela cidade.

Francisca, notável também na literatura e na historiografia, viria a se casar com o limoeirense **José Honorato de Lima**. Também em Limoeiro, uma opção para rapazes era ingressar no **Seminário Diocesano do Bispo Dom Aureliano Matos**. Havia um número apreciável deles, não tendo eu conhecimento de que algum tenha se ordenado sacerdote. (Abrindo um pequeno espaço para **fofocas**, digo

que aquela convicção pode ter sido *balançada* pelo assédio de que eles, nas férias em Morada Nova, mesmo vestidos com suas pretas e quentes batinas, eram alvo, por moçoilas namoradeiras do lugar. Tal fato, uma espécie de fetiche por parte delas ou outra coisa que só Freud explica, causava, em *nosotros* marmanjos, uma justificada inveja).

Limoeiro, naquela época, sobrepujava Morada Nova, também em muitos aspectos, além da parte educacional. No comércio, por exemplo, havia a portentosa firma “Angelo Figueiredo” (posteriormente ANFISA), que propiciou vários filhos destacados, um dos quais o **Doutor Djanir Figueiredo**, notável neurocirurgião. Djanir, o motor da parte comercial, fazia uma autêntica jornada, por toda a zona jaguaribana, na sua *pick-up* Willys, realizando vendas, de variados artigos de armarinho, para as mercearias e lojas. No *Beco do Macaco*, defronte ao comércio do Fausto, que era seu cliente, o maior comprador era o **Sr. Francisco Máximo Saraiva**, o qual, anos depois, se tornaria um importante executivo do Grupo Ângelo Figueiredo.

Nas disputas futebolísticas, por outro lado, raramente Morada Nova ganhava do rival vizinho, mesmo quando tinha o mando de campo (**Estádio Pedro Eimar**, então de piso só de terra). Tal inferioridade ocorria mesmo quando o time local (Ceará também de camisas de listras verticais brancas e pretas) contasse com reforços cedidos por clubes de futebol de Fortaleza, como, em uma determinada ocasião, vieram os atletas Zeca e Mourãozinho, do América.

Havia a **Rádio Vale do Jaguaribe**, também de Limoeiro, em muitos horários, suplantando, em audiência na região, emissoras tradicionais de Fortaleza e de outros estados. A referida emissora prestava um importante serviço àquela população, pois, além das notícias e números musicais, transmitia, entre os seus ouvintes, recados de grande valia (*fulano avisa que a sua operação só será no dia tal... cicrana pede para ir esperá-la, na parada tal do misto que vem de Fortaleza etc. ...*).